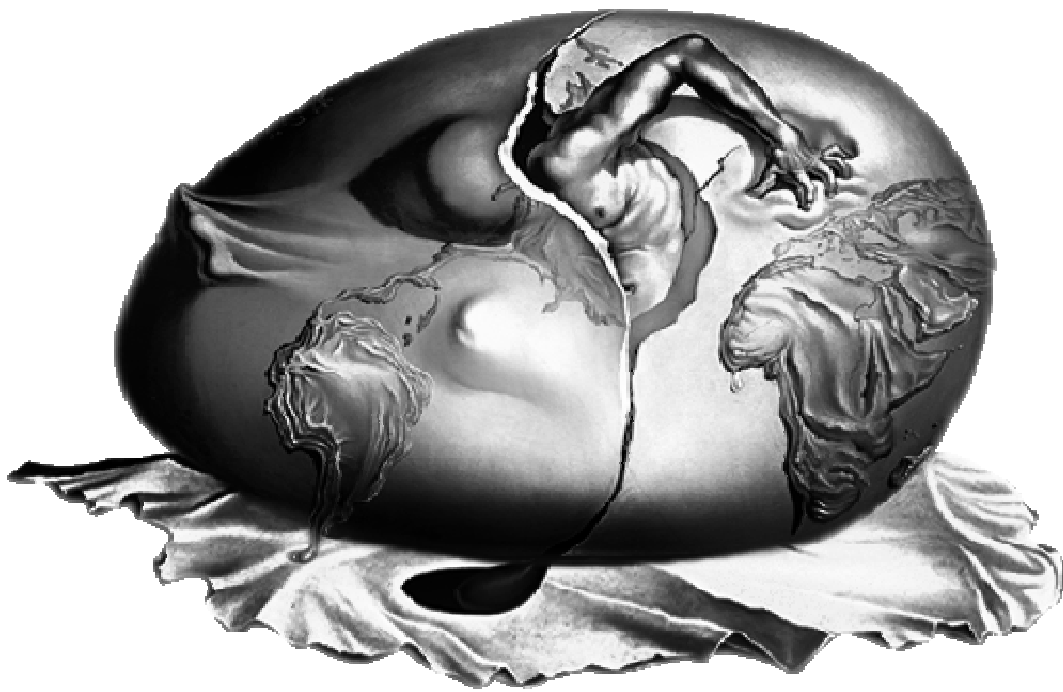


BOLETIM ***PRESENÇA***

ANO II, nº 03, 1995



UNIR

CIÊNCIA E FILOSOFIA

ALBERTO LINS CALDAS *

Resumo

A filosofia é essencialmente utópica. Sua racionalidade é inteira e vivida. A filosofia é improvável e imprevisível. Por isso ousa compreender e recriar o homem. Sem medo ao que vai destruir, consegue ver-se e ver o mundo ao mesmo tempo em que delineia os potenciais e as inconsistências. Daí também sua fragilidade: já não nos vemos. A função da ciência é industrial. Seu modo estreito de pensar é similar ao mundo da produção de objetos. Reificados, podemos somente manter e recriar esse mesmo mundo com sua lógica e necessidades. A ciência é um dos motores insaciáveis dessa criação planificada e em crise. Criação reificada e modo de pensar que cria somente novos objetos e novos conceitos somente para criar novos objetos.

Palavras-Chave: Racionalidade e Filosofia.

Abstract

The philosophy is essentially utopian. Your rationality is whole and lived. The philosophy is unlikely and unexpected. Therefore he/she dares to understand and to create again the man. Without fear to the that will destroy, he/she gets to see her and to see the world at the same time in that delineates the potentials and the inconsistencies. Then also your fragility: no longer we see each other. The function of the science is industrial. Your narrow way of thinking is similar to the world of the production of objects. Reificados, can only maintain and to create again that same world with your logic and needs. The science is one of the insatiable motors of that planned out creation and in crisis. Creation reificada and way of thinking that only creates only new objects and new concepts to create new objects.

Words-Key: Rationality and Philosophy.

A criação filosófica é sempre negativa, sempre antipática. É inimiga daquilo que subtrai e, principalmente, não admira o campo que deve destruir. Sem medo ou respeito ao que pretende aniquilar, lega-nos um conhecimento fundamental de compreensão e enfrentamento.

A filosofia é essencialmente utópica. Sua racionalidade é inteira e vivida. A filosofia é improvável e imprevisível. Por isso ousa compreender e recriar o homem. Sem medo ao que vai destruir, consegue ver-se e ver o mundo ao mesmo tempo em que delinea os potenciais e as inconsistências. Daí também sua fragilidade: já não nos vemos. Sem a possibilidade real da revolta deixamos de nos ver no mundo e somente sistemas de idéias é que passam a ser verdadeiros ou falsos. Não as idéias em ação, mas as máscaras, os simulacros de pensamento. Objetificados podemos exclusivamente reverenciar: o capitalismo reúne num mesmo ato ontológico/gnosiológico o começo e o fim, o antes do homem e o depois do homem, o animal e o burguês, o animal e o assalariado-feliz ou, o que dá no mesmo, o operário-verme.

É a ciência que ordena e reordena as visões do mundo: já não podemos ousar saber ou ousar mudar: não existe mais razão além da ciência. A filosofia é o modo de desobjetificar que rasga o ser, instituindo a criação valorativa do mundo e de si mesma enquanto ação negativa num mundo positivo e covarde. Daí a inexistência de filosofia entre nós. Trans/formando-a em "História das Idéias", castramos a cultura. O poder de pensar-se e criar reduz-se a seguir o triste pensar científico. Sem a filosofia, que é ato negativo, tudo é espetáculo.

A função da ciência é industrial. Seu modo estreito de pensar é similar ao mundo da produção de objetos. Reificados, podemos somente manter e recriar esse mesmo mundo com sua lógica e necessidades. A ciência é um dos motores insaciáveis dessa criação planificada e em crise. Criação reificada e modo de pensar que cria somente novos objetos e novos conceitos somente para criar novos objetos. Em síntese, a ciência cria os objetos, as futuras necessidades e o sistema, tanto "científico" quanto do senso comum, que explicam tudo. É a serpente que morde a cauda e começa a se devorar. Não tem ética e não poderia ter. Se tivesse não seria a lógica do sistema, aquela que vive para, mais dia menos dia, satisfazer necessidades e criar novas necessidades. A ciência é o

mediador entre o consumo e as formas futuras de consumo. O espírito objetificado de um mundo venal, ou, o espírito venal de um mundo objetificado. Sua impotência valorativa e sua incapacidade de apreender o humano enquanto vivido, sua inescapável teia de contradições, a reduz a ser procriadora de objetos e negadora de sistemas de consumo e produção obsoletos. A ciência é insaciável. Mas esse é o "espírito" concreto do nosso mundo. A ciência jamais foi revolucionária. Ela luta somente para substituir o antigo (objeto) pelo novo (objeto). Daí seu ódio ao humano e suas múltiplas irracionalidades. A modernidade sempre foi "científica". O "estudo inocente" é somente a antevéspera do festim canibal.

Aquilo que imaginariamente pensamos ser função da ciência é, na verdade, a alma da filosofia. É ela que pode estudar o homem e criar as compreensões necessárias a cada parte do seu ser e das manifestações concretas desse ser. Sem medo da totalidade e do vivido, é o fundamento e a *práxis* das humanidades. Cada aspecto do homem se reorganiza e pode ser compreendido por inteiro. Ao mesmo tempo, sabendo que é o homem quem ordena ou recorta o caos e o transforma, em natureza e história, fundamenta a própria visão histórica das chamadas "ciências naturais". Deixa para a ciência um papel somente "artesanal". No entanto, essa mesma artesanidade da ciência deve ser contestada e refundida.

Mas uma filosofia que ouse derrotar a ciência e todas as suas consequências, não pode enfaixar o racional com a lógica capenga da ciência, nem com a do objeto. A racionalidade dessa "nova" filosofia deve reordenar uma racionalidade inteira, onde o irracional, o sonho, o improvável, o antagônico, o impossível, o mágico, o inconsciente, possam refazer o humano castrado pela ditadura do objeto. Só a racionalidade compreendida dessa maneira (ser também o irracional e o inconsciente, em vez de, objetificando-o fora da consciência, estudá-lo), pode libertar-se de objetificações que impedem o entendimento do mundo e criam somente um sistema lógico que é reverenciado e que nada tem de humano.

Se nosso principal problema filosófico é superar a capacidade devoradora do capitalismo, que absorve heresias e revoluções, criando algo que roa por

dentro o monstro que nos engoliu e no qual nos tornamos, então somente repondo o humano integral no centro da criação é que teremos condições para tentar responder a essa e a outras questões. A ciência é incapaz de superar a objetificação e ser suficiente para as "ciências humanas". Essa é uma das missões da filosofia: destruir as "ciências humanas" e refundamentar a História. Somente essa filosofia pode ainda ousar ser revolucionária. O humano sempre arranja uma saída mesmo quando a lama chega-lhe até por dentro dos sonhos.

Essa filosofia não deve somente incluir "irracionalidades", mas a ironia, o plágio, a paródia, o deboche, a alegoria e a metáfora, a poesia e o ataque frontal. Jamais uma filosofia bem comportada, neutra. Principalmente que possa assumir a política como elemento fundamental, como sentido da sua existência e luta. Sem intelectualismos autofágicos. Que, em História, recrie uma historicidade plena, onde a perspectiva de classe, jamais do ponto de vista do capital (ciência), saiba ao mesmo tempo ser universal, lutando sempre pelo humano, sabendo também fugir da história. Em Geografia, possa superar a dicotomia entre a sociedade e a natureza, entendendo o processo dialético entre as duas e a prioridade da primeira, apesar de se pensar sempre o contrário. Que, em educação, crie indivíduos rebeldes, insatisfeitos, criativos e, sobretudo, corajosos diante do mundo. Jamais uma educação para o trabalho, mas uma educação contra o capital e contra o capitalismo.

Se estamos tão cheios de certezas objetivas e de um medo terrível de toda a estrutura de aço do conhecimento sobre nossas cabeças, sempre a ponto de nos esmagar, comecemos a rir. Tudo isso é criação do homem para servir a um de seus momentos. Mas esse momento, apesar de se sentir eternamente superior, minúscula o homem. Torna-o objeto idiota, infantil e medroso. É papel da filosofia repor no devido lugar esse "conhecimento científico do mundo" que é inferior e desumano, é uma coisinha diante do humano e da sua capacidade inimaginável de criar e superar. O capitalismo não é somente um modo de produção, mas um momento de vergonha do espírito. Já não é "economia", é falta de vergonha instituída. Tão entranhada que lutar contra ele tornou-se ingenuidade ou burrice. No entanto, ele é o "nazismo" invisível tomando conta de tudo. Com a satisfação ou com a miséria, o capitalismo venaliza. E não é a ciência que pode

recriar a alma num corpo mecanizado, não é a ciência que com suas insuficiências orgulhosas pode se dar ao luxo de compreender e impor o humano.

*** Prof. Ms. do Departamento de História/UNIR**
Coordenador do Centro do Imaginário Social-CEI